

MARQUES NETO, José Castilho. *Solidão revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

SOLIDÃO E REVOLUÇÃO

Angelo José da Silva
Universidade Federal do Paraná

O fluxo do tempo é o maior aliado natural da sociedade na manutenção da lei e da ordem (...); o fluxo do tempo ajuda os homens a esquecer o que foi e o que pode ser: os faz esquecer o melhor do passado e o melhor do futuro (...). Esquecer é também perdoar o que não seria perdoado se a justiça e a liberdade prevalescessem (...). As feridas que saram com o tempo são também as que contêm o veneno. Contra essa rendição do tempo, o reinvestimento da recordação (...) em seus direitos é uma das mais nobres tarefas do pensamento. O pensamento perde seu poder quando a recordação redime o passado (Herbert Marcuse).

Não pude resistir em transcrever a epígrafe com a qual José Castilho Marques Neto inicia seu trabalho sobre as origens do trotskismo no Brasil. A intenção maior do autor - restabelecer as verdadeiras origens do trotskismo brasileiro - justifica-se e expressa-se nestas palavras de Marcuse.

A necessidade de resgatar do passado as idéias e ações que moveram aqueles homens que lutavam por mudanças radicais na sociedade é percebida e levada adiante pelo autor. Esse resgate não se transforma em simples descrição dos fatos nem, tampouco, em um "recontar" a história a partir de um ponto de vista unilateral. Trata-se, isto sim, de uma abordagem dos fatos que oferece ao leitor um esclarecimento em relação àquele período, à medida que traz à baila uma série de informações, posicionamentos, embates políticos e intelectuais, apoiado sobre uma farta documentação, em grande parte, inédita: a correspondência entre Lívio Xavier e Mário Pedrosa, documentos pertencentes ao arquivo Lívio Xavier do CEMAP (Centro de Documentação do Movimento Operário Mário Pedrosa, criado em 1981). Este trabalho, que coloca num novo patamar os termos das discussões travadas naquele momento, desempenha um papel fundamental ao trazer a verdade à tona, uma vez que os estudos existentes sobre esses episódios, via de regra, apresentam-se ora como simples descrições, ora como defesa dos pontos de vista do PCB. Podem ser incluídos dentro deste quadro, a título de exemplo, os trabalhos de John W. F. Dulles, *Anarquistas e comunistas no Brasil*, e de Edgard Carone, com o *Movimento operário no Brasil, O P. C. B.* e outros títulos.

O livro de José Castilho consegue cumprir a tarefa de recolocar os "pingos nos is" de maneira bastante eficiente. Seu trabalho segue a direção apontada por Walter Benjamin no seu texto *Sobre o conceito da história*, "o dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer."

Solidão revolucionária coloca-se, assim, num lugar de destaque no interior dos estudos sobre a trajetória política da esquerda no Brasil no início deste século, mais especificamente na década de 1920 e início da década de 1930, à medida que trabalha com uma questão bastante opaca para aqueles que dirigem seu foco de atenção para este período.

O autor realiza um extenso trabalho de recuperação e análise das principais idéias que percorreram o debate existente no interior do Partido Comunista do Brasil (PCB) e as conseqüências práticas e teóricas

deste debate. Conforme apontei acima, a discussão apresentada neste livro procura contrapor-se aquilo que chamo de “versão oficial” presente em vários trabalhos acadêmicos e livros de memórias de ex-militantes do PCB naquele período, tais como Leôncio Basbaum, Octávio Brandão, Heitor Ferreira Lima. Vale ressaltar também que existe uma originalidade mesmo em relação a estudos independentes da influência mais direta da versão “pecebista”, como aquele de Paulo Sérgio Pinheiro, *Estratégias da ilusão*, porque o foco principal de José Castilho volta-se para o trotskismo, enquanto que nesses trabalhos o foco está voltado para o PCB e o estudo dos trotskistas aparece apenas marginalmente. É certo que, mais recentemente, alguns trabalhos abordaram o tema da oposição trotskista no Brasil, como aquele de Marcos del Roio, *A classe operária na revolução burguesa - a política de alianças do PCB: 1928-1935*. Como observa, porém, José Castilho, uma série de lacunas a respeito das origens daquela oposição, bem como da história do movimento operário, estão ainda por ser preenchidas.

É fundamental para a compreensão do que estava em jogo naquele período perceber que a influência concreta do PCB era muito pequena. O partido não possuía uma força política capaz de levar adiante uma atuação que alterasse significativamente a cena política brasileira dos anos 20. O desenlace da crise política existente passava menos pela intervenção da classe operária, que ocupava um papel secundário nos embates existentes, do que pela atuação das classes e frações de classes dominantes, ou até mesmo pelo movimento assim chamado de tenentismo. O que dizer de uma cisão do Partido Comunista, os trotskistas? Ora, por que estudar, então, esta corrente política? A resposta a estas questões vai no sentido de recuperar um debate riquíssimo existente naquele período que opunha uma concepção baseada no bolchevismo àquela levada adiante pelo estalinismo. Trata-se, assim, de uma análise das posições teóricas em confronto que justifica-se menos pela importância da ação política dos debatedores e mais pelo significado político e teórico dos temas debatidos.

O caminho escolhido para centrar a análise no trotskismo passa aqui pelo acompanhamento das trajetórias de dois dos principais articuladores e animadores da oposição de esquerda (trotskista) no Brasil: Mário Pedrosa e Lívio Xavier.

Examinando detidamente a correspondência entre estes dois militantes comunistas, o autor vai redesenhar o surgimento do grupo trotskista brasileiro. A tese fundamental de José Castilho é a de que um fosso, que tornou-se bastante largo e profundo, foi sendo cavado entre alguns militantes do PCB e o conjunto da direção e do partido. Tanto no campo teórico quanto naquele relativo às atividades práticas, uma série de acontecimentos, abordados a seguir, foram se desenvolvendo até chegar ao ponto de ruptura. As teses correntes sobre esta cisão ocorrida no interior da seção brasileira da III Internacional resumem-se basicamente à explicação do fato a partir de iniciativas fracionistas e dispersas de alguns intelectuais militantes do partido que não possuíam ligações com as massas, como faz John F. Dulles no seu *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. José Castilho, ao contrário, aponta outros elementos mais significativos para demonstrar que interpretações como a mencionada acima são, no mínimo, apressadas. Existem, basicamente, três aspectos que o autor destaca para esclarecer este quadro: o debate internacional em torno da situação existente na Rússia; a influência decisiva de Mário Pedrosa desempenhada a partir de sua experiência internacional, de sua formação teórica mais consistente e refinada do que aquela de outros militantes e de sua capacidade de articulação, a partir do contato com oposicionistas europeus, franceses principalmente; o acirramento das contradições internas ao PCB, tanto prática quanto teoricamente, à medida que o partido enfrentava uma carência de formação marxista, uma pressão cada vez mais intensa dos organismos dirigentes da III Internacional e de seu Secretariado Sul-americano no sentido de enquadrar a seção brasileira às suas orientações políticas, que apresentavam, cada vez mais, uma característica de zigue-zague político, oscilando entre posições de direita e de esquerda.

Em relação ao primeiro argumento, verifica-se um esforço bem direcionado no sentido de traçar as principais discussões que agitavam a III Internacional, no início de seu processo de estalinização. Alguns debates internacionais que colocaram em pólos opostos Stalin e Trotsky, tendo como exemplo mais significativo a “questão chinesa”, são retratados pelo autor com o objetivo de demonstrar que as diferenças políticas que cindiam a Internacional tinham reflexos nas várias seções nacionais, inclusive a brasileira.

No exemplo em questão, as orientações oriundas de Moscou levaram o Partido Comunista Chinês (PCC) a diluir-se no Kuomintang, partido nacionalista fundado por Sun Yat-sen. Esta entrada no Kuomintang iniciou-se em 1922. Em meados da década de 20, os primeiros confrontos entre os comunistas e as orientações daquele partido começaram a ocorrer. Neste momento, um dos líderes do Kuomintang era o general Chiang Kai-shek, formado em Moscou. Em 1926, o Kuomintang passa a fazer parte da Internacional Comunista como "membro associado" e Chiang Kai-shek vem a fazer parte do Comitê Executivo da Internacional, como "partido associado". Estes fatos expressam uma "ligação" mais estreita entre a III Internacional e aquele partido nacionalista. O PCC, por seu turno, tentava agir de forma independente em relação às orientações do general Chiang. Os opositores de Stalin, com Trotsky à frente, tentam modificar a orientação da direção internacional, mas sem sucesso. Esse conflito entre as diretrizes da Internacional, por um lado, e aqueles assumidos pelo PCC e pela oposição trotskista de outro, atingiram as sessões nacionais da Internacional Comunista. O debate funcionou como uma espécie de divisor de águas e a prova dos nove veio em 12 de abril de 1927 com o massacre de milhares de operários, sindicalistas e militantes comunistas na cidade de Xangai. Mesmo após este massacre não houve uma avaliação dos erros de orientação da Internacional. A conclusão final foi no sentido de transferir as responsabilidades pelo desastre para a direção do Partido Comunista Chinês. O posicionamento em relação a esta discussão colocou muitos comunistas na oposição, em outras palavras, aproximou-os do trotskismo.

Mário Pedrosa, em viagem pela Europa, acompanha de perto este processo e mantém informados seus camaradas brasileiros. Este aspecto não é de menor importância para os desenvolvimentos posteriores em relação à história do trotskismo brasileiro. A influência de Pedrosa foi significativa, tanto do ponto de vista da discussão das questões teóricas sobre o movimento revolucionário internacional, quanto da experiência organizativa e política adquirida nos contatos com dirigentes e organizações, principalmente na França. José Castilho, ao longo de seu trabalho, demonstra a importância de Pedrosa e seus camaradas no processo de ruptura com o PCB, rumo à construção de um agrupamento trotskista.

Além da influência de Mário Pedrosa, o desfecho dos acontecimentos internacionais leva uma parcela do movimento revolucionário a se afastar da política levada a cabo pela Internacional. Muitos daqueles que irão constituir o Grupo Comunista Lenin, primeiro núcleo da Oposição Internacional de Esquerda no Brasil, no final da década de 1930, alinham-se com as posições de Trotsky, afastando-se, portanto, teórica e praticamente do PCB. Este afastamento é o desenlace da discussão internacional mencionada anteriormente.

O último argumento apresentado pelo autor diz respeito à prática política do Partido Comunista. Em relação a este aspecto pode-se observar que o Partido, em função de suas fraquezas teóricas, organizacionais e, por fim, pela influência oriunda da III Internacional, não conseguiu conter em seu interior e superar as divergências existentes no campo da ação política de seus membros. As divergências existentes no terreno da ação sindical constituem-se num dos principais focos de tensão existentes no interior do Partido Comunista. Um dos exemplos mais significativos desta política desastrosa que jogou para o campo da oposição muitos adeptos foi o episódio que envolveu politicamente João da Costa Pimenta, militante sindical do PCB naquele período, que torna-se pivô de uma cisão quando contrapõe-se à utilização dos sindicatos para a realização dos interesses do partido. No início do ano de 1928, sob orientação do PCB, um comício para os trabalhadores da indústria têxtil do Rio de Janeiro acaba em pancadaria, a polícia intervém, e o saldo é de seis feridos, quatro mortos e vários prisioneiros. A origem do conflito é a troca de acusações entre militantes comunistas e não-comunistas em função de divergências sustentadas pelo partido contra seus opositores. Neste caso, os operários, alheios a estas diferenças políticas, acabaram por sofrer as suas conseqüências. João da Costa Pimenta, que havia tentado evitar este caminho acaba por ligar-se, posteriormente, à oposição trotskista. Desta forma, as expulsões, equívocos no encaminhamento das divergências, enfim, a rigidez do Partido acabaram por fornecer valiosos quadros para o trotskismo brasileiro.

O livro de José Castilho apresenta, ainda, uma contribuição significativa para aqueles que se debruçam sobre o estudo da esquerda no Brasil, em função do rico material por ele trazido a público.

SOLIDÃO REVOLUCIONÁRIA

A correspondência entre Mário Pedrosa e Lívio Xavier oferece-nos uma fonte de pesquisas que até então permanecera inédita. Como o próprio autor afirma, estas cartas “têm sua existência incontestada e continuamente afirmada pelos pesquisadores. O fato, porém, é que elas jamais haviam sido encontradas.”

O estudo deste período da história através dos documentos levantados pelo autor não se esgota nas análises por ele realizadas. Muito ainda está por ser feito neste sentido e este chamamento é enfatizado por José Castilho.

Por fim, pretendo acrescentar que este tipo de trabalho costuma possuir, em muitos casos, um caráter laudatório. Este “deslize” não é cometido pelo autor. Correndo o risco, em certos momentos, de ser apenas descritivo, José Castilho consegue trazer aos leitores uma análise muito rica dos eventos em pauta, análise esta alicerçada em grande número de citações de fontes primárias, de outros autores estudiosos do período e, principalmente, da correspondência entre Pedrosa e Xavier, o que acaba por convencer os leitores em relação aos seus pontos de vista, não só por seus argumentos, mas também pelos argumentos presentes nos textos, cartas e jornais apresentados por ele.

A justeza, coerência e acuidade das análises realizadas pelos trotskistas naquele período crítico da história brasileira possuem seguidores no interior do próprio meio acadêmico, como aponta o autor, quando se refere a Bóris Fausto, por exemplo, afirmando que este, em seu clássico *A Revolução de 1930*, confirma algumas das posições assumidas por Mário Pedrosa e seus camaradas em relação àquela revolução. Esta identidade de opiniões pode ser verificada em relação à análise comum deste autor e dos trotskistas quando ambos afirmam que a Revolução de 1930 foi uma crise interna à burguesia brasileira ou quando o significado da expressão “Estado de compromisso”, utilizada por Boris Fausto, pode ser visto no documento da Oposição intitulado “Aos trabalhadores do Brasil” e destacado por José Castilho à página 184 de seu livro: “Suprimidos do cenário político alguns figurões mais comprometidos, *o acordo geral da burguesia está sendo restabelecido à custa de uma opressão maior das classes pobres, reduzidas às mais duras condições de vida. Esse acordo geral será no Brasil burguês a última forma conciliatória entre a centralização do Estado, processo econômico de desenvolvimento capitalista, e a forma federativa, garantia da unidade política*” [grifos do autor].

Apesar de não conseguir agregar em seu interior um grande número de militantes nem de possuir uma intervenção significativa no cenário político nacional, os trotskistas contribuíram significativamente do ponto de vista da elaboração teórica e, desta forma, conseguiram um destaque suficiente para terem suas análises políticas estudadas e até mesmo adotadas por intelectuais que sucederam aqueles revolucionários.

A solidão revolucionária de Mário Pedrosa, o principal personagem desta história, acaba por ser esclarecida em função das dificuldades e isolamento experimentados pelos homens que ousaram nadar contra a corrente, num momento em que o mais fácil seria ceder às pressões do Partido ou, simplesmente, abandonar a luta política, em última instância, abandonar o motivo da existência deste e de outros personagens.

Diante do que expusemos a respeito do trabalho de José Castilho Marques Neto, da solidão revolucionária na qual se colocaram alguns militantes brasileiros - mas não só brasileiros -, o último parágrafo da obra de Trotsky, *Minha Vida*, auxilia a compreender as motivações destes revolucionários de corpo e alma.

Em 26 de abril de 1852, Proudhon escrevia a um amigo do interior da prisão: “O movimento, indubitavelmente, não é normal nem segue uma linha reta; porém a tendência se mantém constante. Tudo o que os governos façam, primeiro uns e depois outros, em proveito da revolução, é um passo irreversível; por outro lado, o que contra ela se tenta, se evapora como uma nuvem. Eu desfruto deste espetáculo, cada um dos quadros sei interpretar; assisto a esta evolução da vida no universo como se do alto descesse sobre mim sua explicação; o que a outros destrói, a mim exalta, inflama e conforta. Como, pois, pode você pretender que me lamente de minha sorte, que me queixe dos homens, e os maldiga? A sorte? Rio-me dela. E, quanto aos homens, são demasiado néscios e estão demasiado envelhecidos para que eu possa reprovar-lhes qualquer coisa”. Em que pese o excesso de patetismo eclesiástico que há nelas, também estas são magníficas palavras e eu as subscrevo. (Leon Trotsky)

* * *